
Jornal Aquarela: a experiência de um telejornal voltado para o público infantil¹

Elisângela MARINHO²

Luciellen Souza LIMA³

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Resumo

Com a constatação de que a televisão tem o poder de gerar sentidos chamamos a atenção para a responsabilidade educativa que esse meio de comunicação tem. O objetivo deste artigo é apresentar discussões e resultados em torno da produção de um telejornal, Jornal Aquarela, para crianças de 7 a 10 anos, produzido para o trabalho de conclusão de curso de jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba. A pesquisa é amparada pelo direcionamento teórico encontrado dentro do campo do jornalismo e da psicologia infantil. A reflexão central foca na relação das crianças com a mídia. A discussão foi expandida através de bibliografias e a metodologia do grupo focal. Elaboramos um produto midiático que leva em consideração as singularidades do receptor, para com esta iniciativa gerar cidadãos críticos e participativos na sociedade, como sugere a educomunicação.

Palavras-chave: Televisão; Criança; Psicologia Infantil; Jornal Aquarela.

Introdução

É possível encontrar uma grande variedade de conteúdos transmitidos pela televisão para os mais diversos públicos, entre eles o infantil. Desenhos animados, reality shows, entre outros. Mas não são tão comuns produções jornalísticas pensadas para esse grupo. Todos os públicos têm suas singularidades e as crianças se apresentam em uma fase importante da vida, na qual existe o desenvolvimento da inteligência, a construção do saber. Evoluir é estruturar o conhecimento. Por isso evidenciamos a importância daquilo que as crianças têm recebido da sociedade em geral.

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Telejornalismo da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduada do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, e-mail elisabmjornalista@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia - UFBA. luciellensouzalima@gmail.com

A produção deste artigo partiu do pressuposto de que a mídia pode e deve ser utilizada como instrumento pedagógico, “refletimos acerca da importância que esse meio de comunicação exerce sobre a vida da criança e, portanto, não podemos desconsiderá-lo no contexto da educação” (MENDONÇA; MENDES; SOUZA, 2005, p.9). O objetivo consistiu em compreender a criança em sua singularidade. Refletimos sobre a relação infância e televisão, e de que forma as crianças se apropriam das informações recebidas, e como estas, participam do processo de construção da subjetividade infantil, “a pesquisa com a criança é também um modo de compreendermos criticamente a produção cultural de nossa época” (SALGADO; PEREIRA; SOUZA, 2005, p. 2).

As discussões e resultados aqui expostos são frutos do trabalho de conclusão do curso que teve como finalidade a produção de um telejornal, Jornal Aquarela, voltado para o público infantil com idades entre 7 e 10 anos. Recorremos à prática da educomunicação. Discutimos sobre a influência da televisão, nos restringindo aos programas jornalísticos. Percebemos a criança como um campo privilegiado de estudos psicológicos e nos debruçamos na forma como acontece a construção do saber durante a infância. O estudo é amparado na relação da criança com o meio externo, no qual incluímos a televisão e mais especificamente o telejornalismo. Enxergamos o “homem como determinado e determinador da cultura” (MACIEL; MARTINS; PASCUAL; MAIA FILHO, 2016, p. 2).

A metodologia de pesquisa grupo focal foi aplicada para conhecer de uma forma mais satisfatória o vínculo telejornal e criança. A partir desse momento e com base em todas as informações colhidas produzimos um telejornal voltado para o público infantil, no qual as palavras foram usadas com o cuidado de proporcionar ao receptor entender de forma clara e imediata o sentido da mensagem. As reportagens foram construídas para, além de informar, educar o nosso público.

Telejornalismo

A prática de fornecer informações vem desde os primórdios da existência humana, das mais variadas formas, pinturas em rochas, sinais de fumaça, entre tantas outras, no período denominado Pré-História. Os séculos passaram e essa ação foi sendo sistematizada, a informação se transformou em notícia. Ao longo do tempo, esse processo ocorreu através de

vários meios. Primeiro, o impresso com a revolução de Gutenberg em 1455. Já no fim do século XIX vieram as ondas Hertzianas, com as quais se deu início a era do rádio. No século passado, o mundo passou a obter imagem e som em um mesmo canal, a televisão. E por fim, a internet permitiu a convergência de todas essas mídias (PATERNOSTRO, 2006).

Sobre a televisão, Paternostro (2006, p. 20) diz que [...] “o homem na sua ânsia de vencer barreiras no tempo e no espaço, os queria mais velozes e eficazes. É nesse processo que surge a televisão, com a informação na sua forma mais dinâmica e universal: a imagem”. E é graças aos recursos visuais que a televisão se sobressai a alguns meios de comunicação, como o rádio. “A TV possui uma linguagem que independe do conhecimento de um idioma ou da escrita. A imagem é o signo mais acessível à compreensão humana” (PATERNOSTRO, 2006, p. 75). Como duvidar daquilo que se vê?

A informação transmitida pela televisão trouxe esse grande diferencial, através de um meio de comunicação utilizamos dois dos sentidos do corpo humano, audição e visão, ver e ouvir alguém ao mesmo tempo. Não é mais necessário que a mente tente elaborar como é o rosto daquele que fala, como acontece no rádio. Na TV o que fala é o mesmo que olha nos olhos, isso permite uma intimidade inimaginável com o público. Imagem e argumento, uma junção perfeita para um meio de comunicação. O que é dito é reforçado pela imagem. Isso contribui de forma considerável para a crença do telespectador no tocante ao que foi divulgado. O que reforça o papel preponderante desse veículo.

Além da imagem é importante destacar como particularidade da TV a linguagem dos telejornais que deve ser simples e clara, para que todos os públicos possam compreender. A televisão deve falar com os telespectadores “de maneira coloquial, direta, com frases curtas para facilitar o entendimento” (BISTANE; BACELLAR, 2005, p. 15). Todo o texto narrado deve conspirar para a compreensão imediata do telespectador, o texto impresso pode ser relido, o da TV não. As duas linguagens, visual e falada, devem colaborar para a plena absorção do conteúdo por parte do público.

Educomunicação – Prática de propagação do saber

A participação social sempre foi considerada iniciativa transformadora do meio em que vivemos e ao longo dos últimos anos intervenções surgiram para fomentar tal prática. Entre elas destaca-se a Educomunicação. Dois campos (Educação e Comunicação) sempre foram considerados importantes perante a sociedade e essa união permitiu a perspectiva de uma mudança revolucionária gerando um empoderamento em cada cidadão através de novas possibilidades de expressão permitindo o “acesso aos saberes sociais significantes” (SOARES, 2006, p. 14). A relação dessas áreas vem se estreitando cada dia mais, se tornando íntima e dialógica e hoje é possível perceber inúmeras ações educacionais que já fazem parte do cotidiano das pessoas.

A educomunicação é um campo almejado por inúmeros estudiosos das duas áreas há décadas, mas práticas educacionais são relativamente recentes. Aqui no Brasil ao longo dos anos 90 é possível encontrar registros de algumas através de cursos de extensões de faculdades. Não há datas específicas sobre seu surgimento, mas é referenciado o ano de 1999 quando pela primeira vez o termo foi mencionado (SOARES, 2011).

A comunicação é uma necessidade do indivíduo que sempre utilizou inúmeras formas para dialogar desde a pré-história, e ao longo dos períodos com os meios de comunicação isso foi sendo intensificado. No mundo globalizado as mídias ganharam papel de destaque gerando grande influência perante a sociedade e devido a isso foi possível perceber o potencial educativo delas. Soares (2011, p. 17) diz que “toda comunicação – enquanto produção simbólica e intercâmbio/transmissão de sentidos - é, em si, uma ação educativa”.

Não é difícil concluir a importância que esses territórios (Comunicação e Educação) exercem sobre a sociedade global: “tanto comunicação quanto educação são campos historicamente constituídos, definidos, visíveis e fortes” (SOARES, 2000, p. 18). A finalidade da educomunicação é gerar mobilização e participação social.

Chama a atenção nessa área às inúmeras possibilidades para que essa interação aconteça. Muitas são as práticas educacionais, a exemplo de cursos à distância, projetos de rádio nas escolas e programas educativos na televisão aberta, voltados para os mais variados públicos. “Assim, a Educomunicação constrói novos lugares de participação da cidadania em espaços alternativos e interativos que disponibilizam possibilidades inovadoras de acesso à informação, de expressão e de interação na

sociedade” (TOTH; MERTENS; MAKIUCH, 2012, p. 120). A educomunicação é uma iniciativa que ao fim espera gerar emissores críticos de informação através de uma educação emancipatória.

Pensar os meios de comunicação como instrumentos pedagógicos nos estimulou a produzir um telejornal para o público infantil e, sabendo que o aprendizado se dá através de estímulos e que, mais que transmitir, podemos produzir conhecimento, ou melhor, incentivá-lo para tal, “para gerar e potencializar novos emissores mais que para continuar fazendo crescer a multidão de receptores passivos” (KAPLÚM, 1999, p. 8). Promover a desacomodação, esse é o intuito da educomunicação presente neste trabalho para possibilitar o enriquecimento didático. A informação levada através do produto midiático fornecido deve ser apropriada como conhecimento reflexivo.

Psicologia infantil – O desenvolvimento da inteligência na criança

Para a compreensão do desenvolvimento infantil usamos como pressuposto a Teoria Desenvolvimentalista dos autores Piaget (1896) e Vygotsky (2009). De acordo com Terra (2015), Jean Piaget, biólogo, foi o precursor no que diz respeito aos estudos sobre o desenvolvimento infantil. Segundo a autora, o suíço classificou o desenvolvimento infantil em quatro fases, de acordo com a idade das crianças. A faixa etária (7 a 10) para a qual produzimos o produto (telejornal Aquarela) é denominada de operações concretas. É nessa fase, que segundo Piaget, a inteligência humana vai se efetivando, a criança começa a interpretar o mundo e as pessoas que nele habitam.

Nessa idade a criança está pronta para iniciar um processo de aprendizagem sistemática. A criança adquire uma autonomia crescente em relação ao adulto, passando a organizar seus próprios valores morais (...). A criança, que no início do período ainda considerava bastante as opiniões e ideias dos adultos, no final passa a enfrentá-las. [...] é a fase das operações concretas, onde a criança começa a pensar suas ações e a trabalhar o raciocínio, a elaborar sua visão crítica. (SANTANTA, s/d, *apud*, RIBEIRO; BATISTA, 2010, p. 4).

Estudos posteriores, porém, apresentaram críticas à teoria do pesquisador. Apesar de considerar que o desenvolvimento da criança se dá a partir da interação com o objeto, Piaget (1896) não coloca isso como ponto central, sempre enfatizando fatores

biológicos através de uma visão construcionista para afirmar que o desenvolvimento acontece de dentro para fora.

Essa é a principal distinção para a teoria de Vygotsky (2009), que não traz denominações de fases, entretanto defende que o fator externo é o motor para o desenvolvimento infantil, que essa progressão só vai acontecer a depender de muitos fatores. “O meio (e por meio entenda-se algo muito amplo, que envolve cultura, sociedade, práticas e interações) é fator de máxima importância no desenvolvimento humano” (RABELLO; PASSOS, 2010, p. 1). A teoria de Vygotsky enfatiza que o desenvolvimento se dá de fora para dentro, um olhar interacionista. “Com isso, a teoria psicogenética deixa à mostra que a inteligência não é herdada, mas sim que ela é construída no processo interativo entre o homem e o meio ambiente (físico e social) em que ele estiver inserido” (TERRA, 2010, p. 4).

Este estudo acolhe a divisão por fases feita por Piaget, escolhendo como público crianças que estão dentro da fase de operações concretas (7 a 12). Entendemos que este momento da vida é importante para a efetivação do processo de compreensão do mundo, permitindo a construção da base cognitiva para a fase seguinte, quando será findada a infância. Do mesmo modo adentramos na perspectiva de Vygotsky, que entende que o meio influencia no desenvolvimento infantil, e portanto a televisão como parte do meio, também atuará na estruturação da inteligência humana.

É preciso olhar esse público com suas particularidades e dentro de suas demandas atuais, “ser criança significa possuir um arcabouço cognitivo, afetivo e moral específico” (MACIEL; MARTINS; PASCUAL; MAIA FILHO, 2016, p 4). A infância é uma preparação para a vida adulta. “Para avançar no desenvolvimento é preciso que o ambiente promova condições para transformações cognitivas” (TERRA, 2010, p. 5). Para isso elas precisam ser informadas e educadas, necessitam de intervenções de práticas pedagógicas. A televisão com a influência que possui deve ser um meio que contribua para o êxito dessa fase.

A televisão e as crianças – Uma reflexão sobre o vínculo entre a televisão e público infantil

A criança é um ser em desenvolvimento, físico e mental. Com relação à mídia, vários estudos sobre ela ressaltam sua influência sobre o público, “toda instância de informação, quer queira, quer não, exerce um poder de fato sobre o outro”

(CHARAUDEAU, 2010, p. 124). Daí a preocupação em como os veículos de comunicação podem contribuir positivamente ou negativamente para o progresso infantil.

Na TV aberta, por exemplo, o conteúdo é gratuito e com uma linguagem acessível. O aparelho está presente, segundo a Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios Contínua (PNAD), divulgada em 2017 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em

97,4% dos lares do Brasil . Pelo poder que detém, pela influência que exerce, consideramos como obrigação a responsabilidade social desse veículo de comunicação, dever que está determinado através do artigo 221 da Constituição Federal de 1988.

A Constituição Federal, ao abolir categoricamente a censura, enunciou no Artigo 221 que: A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios: I – preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; II – promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação; III – regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei; IV – respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família (Brasil, 1988) (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2006, p. 67).

É compreensível que os veículos de comunicação precisem se manter, existem despesas com recursos técnicos e humanos, mas, acima de qualquer fator deve estar a obrigação de contribuir para uma sociedade melhor. É um dever de todos, por que não o seria da mídia? Todos os assuntos devem ser abordados pela televisão, mas nem sempre o problema está no que é transmitido, mas sobre como é. “Tudo depende da qualidade dos conteúdos disponíveis e da forma como são utilizados” (RODRIGUES, 2015, p. 48).

O tratamento distinto que analisamos ser necessário é uma linha mais educativa, “(...) ensinar e aprender é uma atividade social da escola, mas também de diversas outras instituições sociais. Da mídia inclusive” (RIBEIRO; BATISTA, 2010, p. 6). Uma das responsabilidades da mídia está nas repercussões que ocorrem a partir do que foi veiculado. “Entendemos que o receptor não é passivo, ele participa da produção de sentido dentro de uma lógica cultural e lida com as possibilidades que essa cultura lhe abre (ou limita) para construir significados” (DUARTE; LEITE, 2006, p.

1). A relação emissor e receptor não acaba quando a mensagem é recebida, na verdade ela se estende por toda a vida.

É com a consciência das implicações que um produto veiculado pela mídia pode trazer na vida das crianças, que aumenta a responsabilidade sobre o que é noticiado e vemos a necessidade de existir produtos audiovisuais jornalísticos feitos especialmente para elas, para que atendam seus desejos e suas necessidades.

Metodologia de pesquisa grupo focal

Para a construção do Jornal Aquarela, a metodologia de pesquisa qualitativa grupo focal foi aplicada para expandir as reflexões acerca do elo entre a criança e o telejornalismo, bem como saber quais informações ficam guardadas em suas mentes após assistirem programas jornalísticos e identificar quais temas gostam de acompanhar. De acordo com Pougy (2005), “a criança relaciona-se com a TV do mesmo modo que se relaciona com o que está a sua volta”.

O grupo focal consiste em reunir pessoas para através de um debate conhecer seus pensamentos e sentimentos a respeito de um assunto. O número de participantes pode chegar ao máximo de 15 e ao mínimo de 6 (TRAD, 2009). O tamanho ideal é aquele que permite a participação efetiva de todos os colaboradores. No nosso caso escolhemos trabalhar com 8 crianças. Foi utilizado em nossa averiguação um grupo heterogêneo, com variação de idade, de 7 a 10 anos, alunos de escolas particulares e públicas e trabalhamos com dois gêneros, meninos e meninas. As crianças do gênero feminino são identificadas com a letra (F), e as do gênero masculino com a letra (M), sendo destacadas apenas as idades dos participantes, seus nomes foram preservados.

Como instrumento auxiliar ao grupo focal foi aplicado um questionário. De acordo com Morgan (1997) os grupos focais podem estar associados a outras técnicas. Foi dada às duas metodologias a mesma atenção na hora da análise das respostas, sendo ambas responsáveis pelas evidências a que chegamos.

Foram exibidas para as crianças, no início da aplicação da metodologia, duas reportagens. A primeira falava sobre uma mulher grávida que foi atingida por uma bala perdida no Rio de Janeiro. O tiro atingiu a barriga da vítima e feriu a criança ainda em seu ventre; essa matéria⁴ foi exibida no Jornal Nacional no dia 1º de julho de 2017, um

⁴ O que é publicado ou se destina a ser publicado em qualquer veículo de informação. É usado como sinônimo de reportagem (PATERNOSTRO, 1999, p. 145).

dia após o fato. A outra reportagem falava sobre um grupo de voluntários na Síria que ajudam as pessoas vítimas da guerra que acontece no país, eles são chamados de capacetes brancos. A reportagem foi exibida no Bom Dia Brasil no dia 7 de outubro de 2016. Os dois telejornais são exibidos pela rede Globo, em horários diferentes, o primeiro por volta das 20h30min e o segundo por volta das 7h30min.

Existiam algumas demandas pré-definidas que deveriam ser atendidas através das reportagens escolhidas. A primeira delas era o fator tempo. As notícias não poderiam ser muito longas para não perdermos a atenção das crianças. A primeira tinha duração de 2min41seg e a segunda 2min15seg. A segunda demanda era a necessidade de abordar duas editoriais, Violência e Mundo. Os assuntos são comuns no telejornalismo e buscamos conhecer o pensamento das crianças quando são expostas a estes temas. A finalidade geral consistiu em compreender o que as crianças entendem dos conteúdos apresentados em programas jornalísticos. Algumas perguntas sobre as reportagens foram feitas através de questionário e posteriormente exploradas no grupo focal, com o intuito de expandir as respostas e proporcionar o debate.

Após assistirem as matérias e responderem o questionário foi iniciada a discussão sobre os temas abordados. Foi perguntado às crianças se já sabiam do fato que foi narrado na primeira reportagem, a mulher grávida atingida por uma bala perdida. Todas as crianças já tinham visto o caso nos telejornais. Algumas narraram o que dizia a notícia. Criança (M) 10 anos: — “O tiro pegou nas costas do bebê e ele não vai andar, o médico falou”! Criança (F) 9 anos: — “O jornal mostrou o quarto do bebê, as roupas dele, e as fotos da mãe grávida”! Foi indagado o que sentiam ao ver esse tipo de matéria. Criança (F) 8 anos: — “Fico triste”! A resposta foi compartilhada por todos no grupo focal, usando a expressão: — “Eu também”.

Sobre a localidade onde acontece a reportagem, durante o grupo focal todos responderam Rio de Janeiro, mas na entrevista individual através dos questionários, houve divergência. Duas crianças, uma de 10 (M), e outra de 8 anos (F), não souberam informar em qual estado do país aconteceu o fato. Sobre o tema da reportagem houve uma grande diversidade de respostas no questionário. Duas crianças do gênero feminino, uma de 7, outra de 10 anos, disseram que a matéria fala sobre saúde. Outras duas, uma de 8, e outra de 10 anos, do gênero masculino, não conseguiram identificar o principal assunto da notícia, e não marcaram nenhuma opção. Quatro crianças, de 7 a 10 anos, ressaltaram que a matéria fala sobre violência. No grupo focal ao

responderem esse questionamento a criança (M) 10 anos, disse: “Fala de violência”. Criança (F) 9 anos: — “ É, fala de violência”. Nenhuma criança manifestou opinião contrária. Foi possível verificar que algumas crianças expuseram respostas diferentes nas duas metodologias aplicadas. “A utilização de grupos focais em sequência às entrevistas individuais, por exemplo, facilita a avaliação do confronto de opiniões, já que se tem maior clareza do que as pessoas isoladamente pensam sobre um tema específico” (GONDIM, 2003, p. 5).

Na segunda reportagem, sobre os capacetes brancos, quando questionada, durante o grupo focal a criança (M), de 10 anos, afirmou: — Eles ajudam as pessoas na guerra. Foi perguntado a essa criança onde acontecia a guerra, ela respondeu: — “Na Síria”!

As outras crianças apenas confirmaram. No questionário, 7 crianças marcaram a opção Síria, e uma menina de 7 anos marcou a opção Paraíba. O nome do país é citado 3 vezes durante a matéria. Sobre o tema, 2 crianças marcaram a opção guerra, 5 disseram que a reportagem fala de pessoas que ajudam outras pessoas, havia também essa alternativa. Ambas as respostas são consideradas corretas. Uma criança de 7 anos (F) disse que a reportagem fala de saúde.

Todas as crianças durante o grupo focal e o questionário disseram assistir e gostar de telejornais. Foi perguntado com quem eles costumam ver esses programas. No questionário, 5 responderam que com os pais e 3 com os irmãos. Foi questionado se os pais colocam algum tipo de restrição para elas verem televisão. Todos informaram que não.

É importante ressaltar que não há classificação indicativa para programas jornalísticos, mesmo quando são exibidas reportagens com imagens inapropriadas para crianças, como de violência e sexo. De acordo com o Ministério da Justiça (2006), devem solicitar autotaxação todos os programas exibidos na televisão, exceto os programas jornalísticos, noticiosos, esportivos, a publicidade em geral e programas eleitorais.

Cinco crianças disseram que entendem o que veem nos telejornais. No grupo focal uma criança de 9 anos do gênero feminino quando perguntada sobre se entende as matérias que assiste respondeu: Criança (F) - 9 anos: — “Mais ou menos”! Moderador: — “Por que mais ou menos”? Criança (F) - 9 anos: — “Eles falam palavras complicadas”! Moderador: — “Que palavras”? Criança (F) - 9 anos: — “Ah, não sei”!

Seis crianças disseram que gostam de ver assuntos ligados à educação nos telejornais, 4 gostam de ouvir notícias ligadas a histórias, de pessoas ou lugares, ressaltaram eles durante o debate e o questionário. Quatro disseram se interessar por assuntos ligados à saúde. Apenas 1 criança disse, através do questionário, gostar de ver esporte nos telejornais, porém, durante a discussão todas afirmaram se interessar por assuntos ligados a esse tema.

O grupo focal “tem por objetivo gerar uma gama de respostas e formular hipóteses, não necessariamente chegar a um discurso conclusivo sobre as questões pesquisadas” (ASCHIDAMINI; SAUPE, 2004, p. 2). O propósito geral da metodologia foi alcançado, existe uma relação entre a criança e o telejornalismo. Elas consomem, falam sobre e o mais importante, elas gostam de telejornais.

Jornal aquarela

O Jornal Aquarela foi criado com a finalidade de difundir conhecimento apostando na educação como base informativa. O nome do telejornal é uma referência a música Aquarela do compositor Toquinho. A canção exalta tudo o que podemos fazer e ser quando temos uma aquarela em mãos. Percebemos então que existe uma semelhança com a proposta do produto em questão que é criar espaços, possibilidades e principalmente estimular a imaginação de uma forma positiva do nosso público. Com uma proposta diferente se apresenta ao público infantil como instrumento de uma aprendizagem crítica. É um telejornal sem intervalo, pois não houve a inclusão de publicidade no produto. A duração de exibição do programa é de dezoito minutos, tempo razoável para não se tornar cansativo para as crianças.

Passado todo o levantamento bibliográfico e feito o grupo focal, foi possível a escolha dos temas que seriam abordados. As editorias selecionadas foram: Dicas e Cuidados, Violência, Esporte e Alimentação. A escolha dos assuntos se deu a partir do que foi discutido e colhido no grupo focal. São editorias que envolvem assuntos atuais, interessantes e podem ser considerados de interesse público. Dentro da filosofia da Educomunicação, são editorias que podem servir para educar.

Dentro da editoria Dicas e Cuidados foi produzida uma reportagem sobre internet. Abordamos os malefícios que o uso excessivo pode trazer para a saúde dos pequenos. Para isso foi convidada uma psicóloga que explicou de forma clara e simples

quais problemas podem ser causados quando usamos em demasia aparelhos eletrônicos. Em contraponto uma psicopedagoga enfatizou como a internet pode ser um instrumento educativo para as crianças se usada de forma correta. A fala da profissional consistiu em dar dicas de sites, canais no Youtube e o aplicativo Duolingo, todos com cunhos educativos. Houve um personagem principal, uma criança que possui vários aparelhos eletrônicos, como celular, tablet, computador, para reforçar a realidade de que cada vez mais esse público está inserido no mundo digital. A participação da criança consistiu em ouvir a opinião da mesma sobre o uso da tecnologia em sua vida.

Outra editoria escolhida foi Violência. Os telejornais tradicionais abordam de forma constante esse tema e as crianças têm acesso a esses conteúdos, como demonstrado pelo grupo focal. Mas não percebemos no jornalismo convencional uma linguagem voltada para o público infantil para falar sobre esse assunto, por isso é apresentado através do Jornal Aquarela, uma abordagem diferente. O tema principal foi abuso sexual contra crianças. Uma delegada e um psicólogo participaram da reportagem compartilhando seus conhecimentos com o intuito de explicar como a vítima pode identificar o crime e denunciá-lo. Reforçamos a reportagem com dados que foram expostos de forma pedagógica. Objetos como bonecas e quadros, foram usados para tornar a matéria didática. Como no trecho da fala do psicólogo e da delegada na matéria sobre Violência Sexual contra crianças. “Tem aquelas partes que a gente sempre cobre mais, como por exemplo, as partes que a gente cobre com a cueca, com a calcinha. Essas são nossas partes íntimas, são nossos tesouros. Se alguém tocar na parte onde você faz xixi, converse com uma pessoa adulta e pergunte se isso está correto”.

A penúltima reportagem do Jornal Aquarela fala sobre Esporte. O foco se deu em torno das aulas de educação física que as crianças praticam nas escolas e como tais ações podem ser benéficas para a saúde dos pequenos. Um professor de educação física e um esportista participaram ressaltando as vantagens de quem realiza alguma modalidade esportiva. Crianças também protagonizaram a reportagem, emitindo suas opiniões sobre a temática abordada. As gravações aconteceram em uma escola da rede privada durante os jogos escolares que a instituição realiza. A escolha por esse assunto ocorreu a partir das informações que as crianças forneceram durante o grupo focal, quando afirmaram gostar de ver temas ligados a esporte na televisão.

A última reportagem fala sobre Alimentação saudável. Saúde também foi um dos temas que as crianças disseram gostar de ver nos telejornais. A reportagem foi protagonizada por uma menina de dez anos, que fez o papel de repórter. Um nutricionista foi convidado para interagir com a criança. A reportagem consiste no ensino de uma receita prática e saudável, podendo servir, inclusive, de lanche para a escola. A gravação foi feita na casa do profissional. A participação da criança como repórter buscou respeitar a vontade dos participantes do grupo focal, ao afirmarem o anseio em ver crianças como repórteres nos telejornais.

A produção de cada reportagem exigiu um cuidado imenso com a linguagem, que deveria não apenas ser coloquial, como o jornalismo tradicional proporciona, mas adequada ao linguajar infantil e principalmente pedagógica, pois as crianças não estavam sendo apenas informadas, e sim educadas. Para que isso acontecesse houve uma conversa antes com cada entrevistado, em algumas matérias como a do Esporte, as perguntas ao professor de educação física foram feitas por crianças, assim como a da Alimentação.

Para que o objetivo de um telejornal educativo fosse alcançado, permitindo uma absorção satisfatória das informações, utilizamos alguns recursos para proporcionar o melhor entendimento dos conteúdos divulgados, como bonecas, quadros, aparelhos eletrônicos, entre outros. Tudo isso permitiu mesclar o universo infantil com o da mídia e colocar em prática a educomunicação.

Os ambientes para as gravações das matérias foram escolhidos para promover a sensação de familiaridade, escolas, quarto, praças, locais onde as crianças costumam estar. A participação dos pequenos como personagens principais teve como propósito confirmar para o nosso público que reconhecemos a sua importância perante a sociedade e de que validamos os seus pensamentos e opiniões. Por isso fizemos questão de ouvir as crianças em cada assunto abordado, exceto o da violência sexual, para não haver a ligação do personagem infantil exposto com o crime explanado. O nosso cuidado foi para que o público sentisse que cada detalhe do Jornal Aquarela foi pensado para ele, a linguagem, os locais, os temas, os personagens e a forma como tudo foi exibido.

O Jornal Aquarela está disponível no Youtube⁵. Mas existe o propósito de exibi-lo nas escolas, para que sirva de auxílio educativo aos professores que trabalham

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=L1YTRHikXGk>

com a faixa etária para a qual o produto é direcionado, “[...] torna-se impossível fechar os olhos e negar-se a ver que os espaços da mídia constituem-se também como lugares de formação– ao lado da escola, da família [...]” (FISCHER, 2002, p.153).

Considerações finais

O trabalho em questão trouxe uma reflexão sobre a forma como as informações são reportadas pelo telejornalismo e as interpretações que as crianças podem ter das notícias audiovisuais. Elas estão em uma fase de transformações, condição inerente ao ser humano, porém evidenciada na infância. Reconhecemos a TV como veículo de massa que tem “ressonância concreta na vida das pessoas e grupos sociais” (MENDONÇA; MENDES; SOUZA, 2005, p. 4) e o público infantil como grupo de seres em processo de construção do saber.

Buscar entender de que forma se dá o desenvolvimento da inteligência na criança e todas as singularidades que fazem parte dessa fase foi primordial para a realização do trabalho. Bem como entender a importância e influência que a televisão exerce. Recorrendo assim a uma prática cada vez mais consolidada, a educomunicação.

Existe uma esperança de que a experiência proporcione aos receptores a expansão de seus conhecimentos. Cada reportagem foi pensada para estimular as crianças a serem cidadãos conscientes, críticos do meio em que habitam. Acreditamos que iniciativas como o Jornal Aquarela tem o potencial de contribuir com o desenvolvimento infantil, para que os pequenos se tornem adultos reivindicadores de seus direitos e praticantes de seus deveres. Entendemos que é preciso formular novos questionamentos sobre a relação mídia e infância para construir uma postura indagadora.

Este estudo contribui para a discussão sobre as possibilidades que o jornalismo proporciona e a importância de pensar os receptores com suas particularidades, podendo assim oferecer produtos midiáticos para atender as demandas de cada grupo. Esperamos despertar o interesse para estudos posteriores sobre a relação telejornalismo e infância. O estudo proporcionará novas pesquisas ao exibirmos o Jornal Aquarela para as crianças, para sabermos se o produto conseguiu alcançar seu objetivo principal, educar o público-alvo.

Referências

ASCHIDAMINI, Ione Maria; SAUPE, Rosita. Grupo focal – estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. **Cogitare Enferm**, v 9, n. 1, p. 9-14, 2004.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, Joviniano Borges. **Televisão: da sala de estar para a sala de aula**. Disponível em: www.aurora.ufsc.br. Acesso em: 05. Maio. 2018.

DUARTE, Rosália; LEITE, Camila; MIGLIORA, Rita. Crianças e televisão: o que elas pensam sobre o que aprendem com a tevê. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 33, p. 497-564, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação & Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002.

GONDIM, Sônia Maria. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: Desafios metodológicos. **Paidéia. Cadernos de Psicologia e Educação**, v. 12, n. 24, p.149-161, 2003.

KAPLÚM, Mário. Processos educativos e canais de comunicação. **Revista Comunicação & Educação**, n. 14, p. 68- 75, 1999.

MACIEL, Maria Regina; MARTINS, Karla Patrícia Holanda; PASCUAL, Jesus Garcia; MAIA FILHO, Osterne Nonato. A infância em Piaget e o infantil em Freud: temporalidades e moralidades em questão. **Psicologia Escolar e Educacional**. vol.20, n.2, p. 329-337, 2016.

MENDONÇA, Anna Valeska Procópio de M; MENDES, Joana D’arc Umbelino; SOUZA, Suellen C.C. **Uma reflexão sobre a influência dos desenhos animados e a possibilidade de utilizá-los como recurso pedagógico**. Projeto de pesquisa em psicologia da educação- curso de psicologia- UNP, 2005.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Classificação Indicativa no Brasil: desafios e perspectivas**. Brasília, 2006.

MORGAN, David. **Focus group as qualitative research**. Qualitative Research Methods Series. 16. London: Sage Publications, 1997.

PATERNOSTRO, Vera. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. 2 ed. São Paulo: Elsevier Brasil, 2013.

POUGY, Eliana. **As mensagens da televisão e a reação de seus receptores**. 2005. Disponível em:

www.redebrasil.tv.br/educacao/artigos/as_mensagens_da_televisão.html. Acesso em: 06. Maio. 2018.

RABELLO, Elaine; PASSOS, José Silveira. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. 2009. Disponível em: <http://www.josesilveira.com>. Acessado em: 04. Nov. 2016.

RIBEIRO, Ana Caroline; BATISTA, Aline de Jesus. A influência da mídia na criança/pré- adolescente e a educomunicação como mediadora desse contato. In: Encontro de História da Mídia da Região Norte, 10, 2010, Palmas. **Anais eletrônicos**. Palmas: Universidade federal do Tocantins, 2010. Disponível em: www.ufrgs.br. Acesso em: 07. Maio. 2018.

RODRIGUES, Liliana Morgado. **As crianças e os media: análise de discursos dirigidos aos pais**. 2015. Tese de Doutorado.

SALGADO, Raquel Gonçalves.; PEREIRA, Rita Marisa Ribes.; SOUZA, Solange Jobim. Pela tela da janela: questões teóricas e práticas sobre infância e televisão. **Cadernos Cedes: televisão, internet e educação: estratégias metodológicas com crianças e adolescentes**, v. 25. n. 65. p. 9-24, 2005.

SOARES, Suely Galli. **Educação e comunicação: o ideal de inclusão pelas tecnologias de informação: otimismo exacerbado e lucidez pedagógica**. São Paulo: Cortez, 2006.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: as contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. Educomunicação: um campo de mediações. **Revista Comunicação & Educação**. v 19, p.12-24, 2000.

TERRA, Márcia Regina. **O desenvolvimento humano na teoria de Piaget**. 2005. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>. Acesso em: 04. Nov. 2016.

TOTH, Mariann; MERTENS, Frédéric; MAKIUCHI, Maria de Fátima Rodrigues. **Novos espaços de participação social no contexto do desenvolvimento sustentável: as contribuições da educomunicação**. **Ambiente e Sociedade [online]**, v. 15, n. 2, p. 113-132, 2012. ISSN 1809- 4422.

TRAD, Leny Bomfim. **Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde**. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, p. 777- 796, 2009.

VILLELA, Regina. **Profissão: jornalista de TV: telejornalismo aplicado na era digital**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2008.

YORKE, Ivor. **Telejornalismo**. São Paulo: Roca, 2006.